

PCILS

PORTUGUÊS

L I N G U A G E N S

Programa de
**Capacitação
e Integração
de Lideranças
Sociais**

Professor:
Duda Delmas

Realização:

PECEP
pré-vestibular social

Patrocínio:

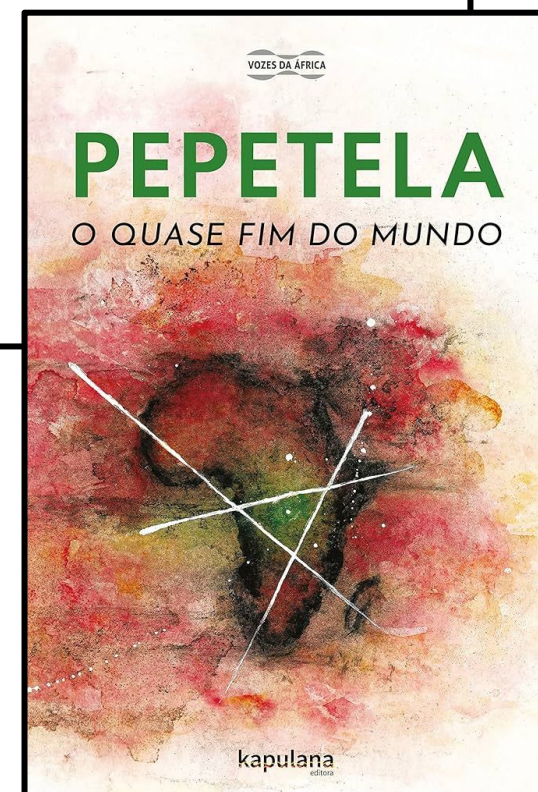
 **Rio**
PREFEITURA

INTEGRAÇÃO
METROPOLITANA


Integração.Rio

UERJ: Exame Discursivo

O quase fim do mundo, **Pepetela**



Conteúdos programáticos

Disponível em:

https://www.vestibular.uerj.br/anexos/263/Manual_2fase_2026_Anexo_5.pdf

ORIENTAÇÃO GERAL

Falando ou ouvindo, escrevendo ou lendo, cada indivíduo se expressa e percebe significados de acordo com o papel social que desempenha. Sua identidade social e seus interesses comunicativos envolvem o domínio de certas habilidades e a posse de determinados recursos, requisitos culturais do pleno exercício da cidadania.

Este programa valoriza não apenas o domínio das estruturas da língua e a consequente habilidade para construir e compreender textos, mas, ainda, o estudo das literaturas de língua portuguesa, entendendo o discurso literário como fundamental na construção do imaginário dos leitores e na formação das identidades culturais.

As características de quaisquer textos são determinadas por um complexo conjunto de componentes, que incluem o contexto histórico, a situação comunicativa, o perfil social dos interlocutores, além de elementos materiais como o gênero, o modo de organização, a gramática, o vocabulário, o registro, o estilo.

O exame discursivo desta disciplina dá prioridade à leitura e à análise de textos literários em língua portuguesa. São fundamentais, portanto, as habilidades de ler e analisar os textos a partir de aspectos teóricos da literatura e das relações entre os textos e os contextos socioculturais; também são relevantes as habilidades de ler e interpretar textos em função das peculiaridades de diferentes gêneros. As respostas às questões discursivas devem demonstrar que o candidato é capaz de organizar as ideias e as informações na forma escrita, com clareza, considerando o registro culto da língua e seu funcionamento textual-discursivo.

O principal texto dessa prova, como anunciado desde o início de 2025, é o romance *O quase fim do mundo*, do escritor angolano Pepetela. Sua leitura é imprescindível para responder às questões da prova.

PROGRAMA

Língua portuguesa: estrutura, funcionamento e significação

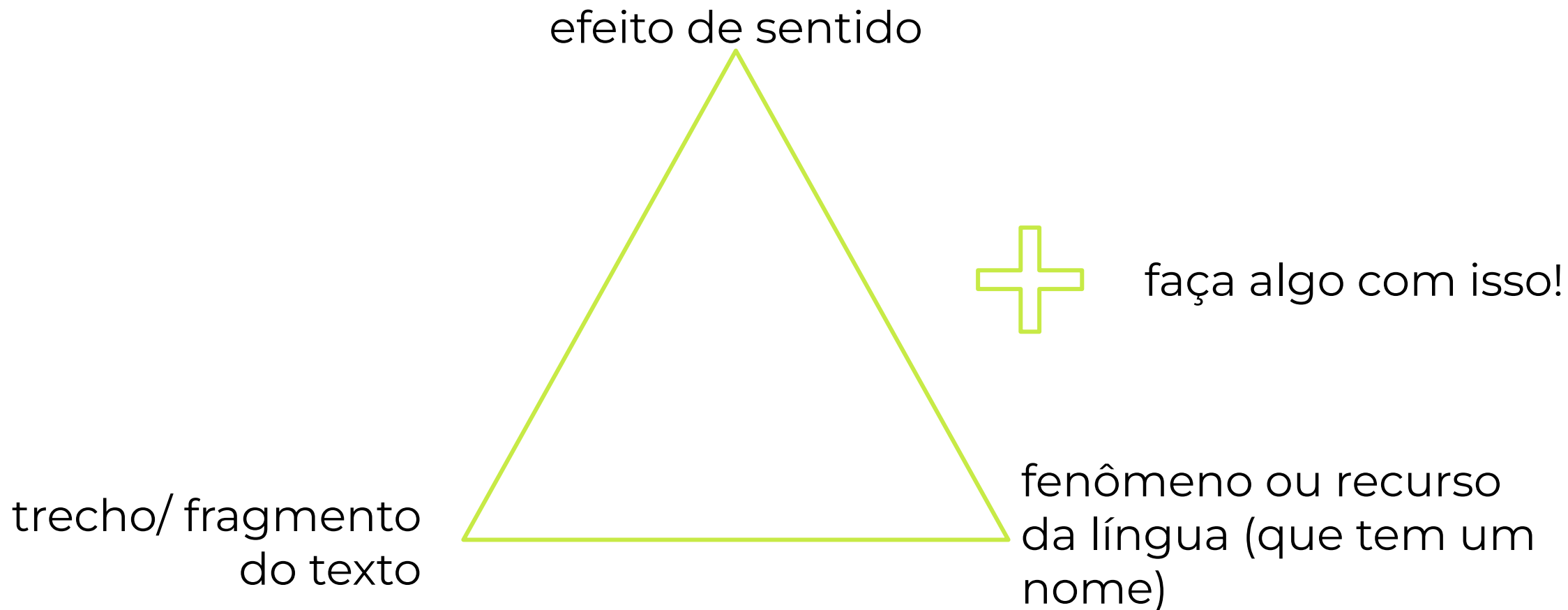
- Gêneros: composição típica; suportes; função social
- Unidade e diversidade da língua portuguesa: registros de uso na oralidade e na escrita; variação regional, variação social; norma padrão
- A frase, suas espécies e funções interacionais: frases declarativa, interrogativa, imperativa e exclamativa; relação entre as espécies de frases e os atos de fala
- A oração e o período: termos essenciais, integrantes e acessórios; processos de coordenação e de subordinação; correlação de termos e de orações
- Classificação, significação e uso das palavras: substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais; verbos e advérbios; preposições e conjunções
- Morfologia do nome e do verbo: gênero, número e grau dos substantivos e dos adjetivos; flexão em tempo, modo, número e pessoa
- Sintaxe do nome e do verbo: concordância; regência; emprego do infinitivo, do gerúndio e do particípio; vozes verbais
- Estrutura, derivação e composição das palavras: radical e tema; prefixação e sufixação; aglutinação e justaposição
- Criação e adoção de palavras: neologismo lexical, neologismo semântico; estrangeirismo

- O significado lexical e suas relações: sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia; polissemia, denotação, conotação
- Coerência textual: progressão temática; informação dada e informação nova; informação principal e informação secundária; informação implícita e informação pressuposta
- Coesão textual: anáfora; retificação; substituição; elipse; repetição; redundância
- Formas de enunciação: estratégias de neutralidade; marcas de opinião; discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre
- Elementos não verbais: relação entre imagem e texto; recursos gráficos e tipográficos; interjeições; onomatopeias; sentidos da pontuação

Literatura: contexto, temas e formas

- Literatura e sociedade: contextos sócio-históricos de produção e recepção dos textos; diálogos entre a literatura e mitologias
- Elementos da narrativa selecionada: enredo; construção dos personagens; narrador, foco narrativo, índices narrativos; representações do tempo e do espaço; metacficção; verossimilhança
- Recursos expressivos da criação estética: seleção e combinação de palavras; formas dos vocábulos; efeitos sonoros; figurações e imagens; representações da variabilidade linguística; efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem; figuras de linguagem
- Procedimentos de intertextualidade: estilização; paródia; paráfrase; apropriação; alusão; citação

Como pensar as questões?



Exemplos

QUESTÃO

02

(1) *Um filósofo não deve aceitar no seu vocabulário a palavra morte, senão convencionalmente.* (ℓ. 5-6)

(2) Um filósofo não aceita no seu vocabulário a palavra *morte*, senão convencionalmente.

Observe o auxiliar modal sublinhado no trecho citado em (1) e a reescritura desse trecho em (2), sem o modal.

Apresente a diferença de sentido entre os dois enunciados.

Exemplos

QUESTÃO

03

O que te eu assevero é que ele deixou de ser Silvestre da Silva, há seis meses, posto que os parentes teimam em lhe ter uma lousa sobre o chão, onde o estiraram, com esta mentira: "Aqui jaz Silvestre da Silva". (l. 11-12)

No fragmento acima, o uso de um vocábulo confirma a ideia de que Silvestre da Silva apenas sofreu uma metamorfose.

Transcreva esse vocábulo. Em seguida, reescreva o trecho sublinhado, substituindo o conectivo **posto que** por outro de valor semântico equivalente no contexto, fazendo as alterações necessárias.

Exemplos

QUESTÃO

04

Dos bens terrenos não fez deixação, porque lá estavam os credores, (l. 16-17)

Explique o sentido do termo **deixação** no contexto do romance. Nomeie, ainda, o processo de formação desse vocábulo.

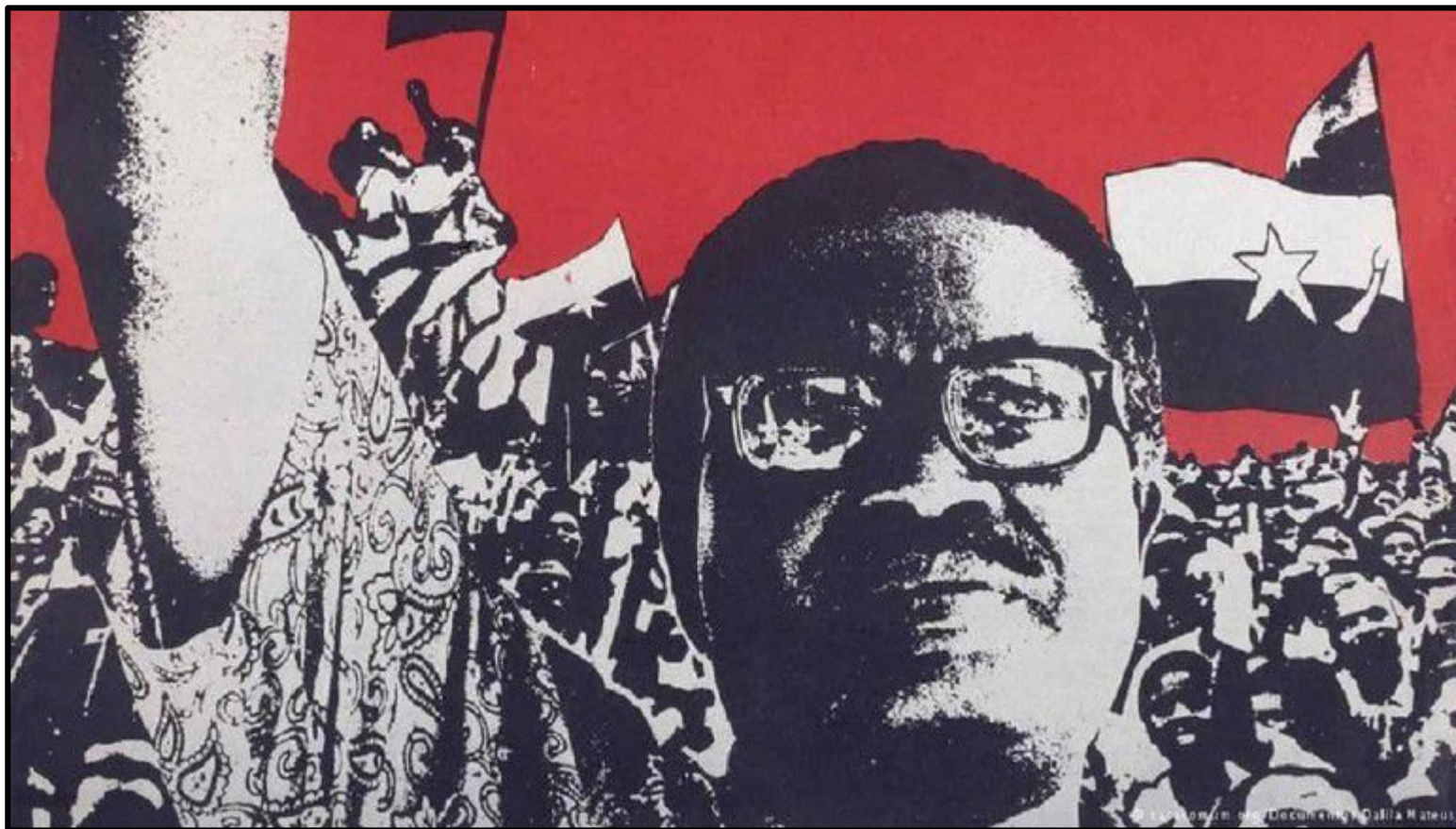
O quase fim do mundo



Lusofonia



Angola: independência e guerra civil



1975!
2002!

1. Foco narrativo

Chamo-me Simba Ukolo, sou africano, e sobrevivi ao fim do mundo. Se o fim do mundo quer dizer o aniquilamento absoluto da humanidade, haverá algum exagero na afirmação, pois escapou alguém, eu, Simba Ukolo, na ocorrência. Isso foi a primeira impressão, sozinho na minha cidade natal. Terrível sensação de solidão e de perda, mas sobretudo uma tontura de incredulidade. Dava mesmo para acreditar em coisa mais absurda? Viria a descobrir depois, não era de facto o único, havia sobreviventes, embora talvez não fossem todas, as pessoas mais desejáveis com quem partilhar os despojos dos biliões de humanos desaparecidos. Foi um quase fim do mundo, estive mesmo muito perto de o ser em absoluto, o apagamento total da raça humana, percebi mais tarde.

Início do capítulo 1



narrador
personagem;
1ª pessoa; Simba

Mas vamos com calma, que essa ideia demora a entrar nas teimosas cabeças, como os avisados conselhos dos mais velhos aldeões aos jovens estouvados da cidade, ou o trabalho persistente da formiga salalé erguendo as suas verticais cidades de terra vermelha. O fim do mundo não é tema que se trate com ligeireza, apesar de ter entrado em todas as línguas desde aquele primeiro dilúvio que tornou famoso Noé e sua arca. Também saiu constantemente das bocas de todos os trapaceiros que por este desgraçado planeta andaram, vendendo religiões de salvação ou poções para o evitar. O fim do mundo é assunto para ser tratado com delicadeza, prudência, reverente temor mesmo, pois implicou o óbito, ou melhor, o desaparecimento, de quase todos os seres vivos. A palavra desaparecimento, espero sinceramente, está aqui colocada com toda a propriedade, foi pensada e repensada, sopesada até em balança hipersensível, antes de ser escrita. Se trata mesmo de desaparecimento, sumiço, eclipse, pois na realidade não sobrou nada deles, nem ossos nem cinzas, nem pêlos ou unhas, nada. Presumo que nem os espíritos se aproveitaram, tão rápido e

metalinguagem;
metaficção

Os habitantes de Calpe, depois da «coisa», eram de facto quatro: os nossos já conhecidos Simba Ukolo e Geny; o homem que fora avistado a correr atrás de um cão e se chamava Kiari (foi pelo menos o nome que disse quando conheceu os outros, no dia seguinte ao holocausto, mas já veremos que dá para desconfiar do nome); e a menina Jude, de dezasseis anos de idade, aparentemente tímida e chorona (o que era perfeitamente normal nas actuais circunstâncias). Além destas pessoas, haveria o cão, desaparecido desde então, e um mosquito que picara Simba Ukolo. Nenhum outro ser vivo era notado, **nem** uma formiga, **nem** uma barata, bicharada anteriormente muito abundante na cidade. Kiari percorria as ruas, andando a grande velocidade e fazendo com a boca o ruído de um carro. Falava sozinho quando quase esbarrou com Ukolo e Geny, perto da casa desta. O médico tinha ido lá no dia seguinte, depois de ter chorado tudo o que tinha para chorar e convencido de que em todos os sítios com os quais tentara comunicar nada nem ninguém respondia. Não estava maluco, mas estava sozinho no mundo com Geny, se convenceu. Foi a casa dela saber se queria ir comer a algum lado, já eram quase cinco da tarde do dia seguinte. Buzinou da rua e o barulho pareceu-lhe descomunal, agora que o silêncio tinha invadido a cidade e provavelmente o mundo. Ela apareceu à janela,

Início do capítulo 2



narrador
onisciente;
3ª pessoa

Riram de novo. O ambiente perdeu densidade, embora a adrenalina ainda pairasse no ar. Ele parou o carro à beira da água, para recuperarem do susto forte. As respirações em breve regularizaram. Olhou para ela e sorriram. Então, os olhos ficaram presos. Lentamente, muito lentamente, ela foi ficando séria, sem deixar de o contemplar. As preguinhas da pele desapareciam à medida que ela parava o riso. Ele também deteve o sorriso, virado para ela. Teve vontade súbita de lhe fazer uma carícia e largou o volante para levar a mão à cara dela, a qual de travessa passava a meiga mas ao mesmo tempo confusa. Estacou a mão a tempo. Deu uma palmada no volante, se virando para a frente, teve um bocado de medo na descida, confessou. Fez o jipe arrancar, sem olhar mais para a bonita cara dela, sem tentar saber se nela lia decepção. No entanto, o ambiente voltara a ficar denso, diferente embora.

La tocar-me? La puxar-me para ele? Não entendi a luz dos seus olhos. Brilhavam como o sol da manhã nas gotas de orvalho. Depois ficaram baços, mortiços, fixos. Foi quando senti um calor a subir para a barriga. Era bom mas metia medo, enfim, um pouco. Não podia deixar de o fitar e ao mesmo tempo queria desviar a vista. Então ele bateu com a mão no volante e virou a cabeça, quebrando essa estranha impressão. Foi rápido, mas muito forte. E agora dói-me o fundo do ventre, lá onde nasceram há tempos aqueles pêlos que gosto de enrolar pensando em rapazes. Vou a partir de agora só pensar nele?

Meio do capítulo 2

súbita mudança:
narrador
personagem;
1ª pessoa; Jude

POLIFONIA;
romance
polifônico

2. Formação de palavras

Ele tinha dormido toda a manhã. Tomou um nostálgico café em casa, e depois deambulou pela cidade, à procura de outros seres vivos. Não encontrou ninguém mais, nem uma mosca. A gasolina do carro estava a acabar e foi abastecer numa bomba sem precisar de pagar, evidentemente. Andou, andou **à-toamente** pela cidade. Foi ver a escola da Sarah, encontrou apenas muitos uniformes, talvez entre eles o da Sarah, sapatos, carteiras, livros, giz, etc., tudo o suposto existir numa escola. **Lagrimou** perante a sala vazia que sabia ser a da filha. Sem coragem de procurar a pasta dela, que talvez pudesse reconhecer, comprada numa viagem ao estrangeiro. A cada

Derivação sufixal
ou sufixação:

nesse caso, as
palavras mudam
de classe
gramatical

No entanto, custava acreditar que naqueles morros todos, à beira dos lagos, nas **casotas** dos pescadores, nas planícies que se viam em dias luminosos correndo por milhares de quilómetros até ao Índico, peçadas de manadas de animais selvagens, a vida tivesse totalmente desaparecido. Tal como eles estavam ali, haveria outros, tinha de ser. Era preciso procurá-los.

— Amanhã vou dar uma volta pelo lago pequeno. E talvez vá até ao Grande Lago, mais longe. Procurar gente. Tem de haver mais alguém. Quer vir?

Derivação sufixal ou sufixação:

nesse caso, **diminutivo** a partir do qual há uma **conotação** pejorativa: casa pequena, pobre

(estratégia: pensar em exemplos semelhantes)

Derivações:

- Sufixal ou sufixação: feliz**mente**
 - Prefixal ou prefixação: **in**feliz
 - Regressiva: debater**r** → debate
 - Imprópria: jantar (v.) → o jantar (s.)
- *Hipótese! O **quase** fim do mundo

Composição

- Justaposição: guarda-chuva
- Aglutinação: planalto

+ Neologismos!
criação de palavras
novas

3. Formas de enunciação

— Amanhã vou dar uma volta pelo lago pequeno. E talvez vá até ao Grande Lago, mais longe. Procurar gente. Tem de haver mais alguém. Quer vir?

— Fico mesmo aqui. Mas arranjo comida para levar, se quiser.

— Vou mudar de carro, as estradas fora da cidade não são nada boas. Vou escolher um jipe.

— Há por aí muitos. Não vai ter dificuldade em encontrar um que lhe convenha.

— Certamente.

Discurso direto

3. Formas de enunciação

— Seja. No início das aulas, o meu pai tinha comprado os lápis, cadernos, livros, enfim, o material todo, e disse que não tinha dinheiro para mais nada e que, portanto, tinha de tratar bem de tudo. Não tinha coragem de lhe pedir dinheiro para comprar um novo lápis. Como ia explicar que tinha desaparecido aquele? Claro, um lápis não é nada, dizem vocês agora. Mas para um miúdo de seis anos era muita coisa, era um desastre. Numa

Discurso indireto

Riram os dois. O Kilimanjaro não estava tão longe assim, embora fossem precisas muitas e muitas horas para o atingir, no caminho do sudeste, depois de ser rodeado o maior lago de todos, um verdadeiro mar interior, bem mais largo que o Grande Lago. Não se via o seu cume de neves eternas, nem sequer se adivinhava o porte altivo elevando-se na savana. No entanto, o Kilimanjaro estava na imaginação de todos e era uma referência mítica na família de Jude, o senhor B é quase tão alto como o Kilimanjaro, está hoje a fazer mais frio que no topo do Kilimanjaro, os espíritos que nos perturbam só encontram o seu descanso nas neves do Kilimanjaro. Era provavelmente uma referência em todas as famílias, embora a maior parte das pessoas da terra deles nunca tivessem sentido a sua sombra, pairando longe de mais. Cientistas afirmavam que as neves da montanha iam desaparecer por causa do efeito estufa, uns davam dez anos, outros vinte. Nada seria eterno então, nem os mitos ouvidos desde a infância? Ukolo não conseguia imaginar, simplesmente ofensivo. Mas, hoje, o efeito estufa derreter as neves do Kilimanjaro parecia catástrofe pequena. E se o que ameaçava ter de facto acontecido era real, o efeito estufa iria diminuir rapidamente com a falta de pessoas para o provocarem. Desapareciam as pessoas, salvavam-se as neves eternas do Kilimanjaro.

Discurso indireto

Discurso indireto
livre

vazia que sabia ser a da filha. Sem coragem de procurar a pasta dela, que talvez pudesse reconhecer, comprada numa viagem ao estrangeiro. A cada vulto numa esquina pensava ver a mulher ou Sarah, mas não eram vultos, apenas sombras móveis, normalmente de árvores. Essas ficaram, e o capim, e as plantas das varandas. Os vegetais não foram exterminados, só os... como é que se chamam os seres vivos não vegetais, desde os mamíferos até aos insectos ou protozoários? A Biologia tinha ficado muito para trás no curso, nem conseguia lembrar isso. Também não tinha importância, percebia o que queria dizer. Que raio de fenómeno, deixava as coisas e vegetais intocáveis, montes, rios e casas, e eliminava o resto! Os americanos tinham inventado, muitos anos atrás, a chamada bomba de neutrões, que matava as pessoas e deixava as propriedades intactas. Também mataria os bichos, até os minúsculos? Foi na altura da Guerra Fria, para assustarem os soviéticos. E conseguiram de facto assustar o mundo inteiro, pois houve uma série de manifestações pacifistas contra a bomba de neutrões, não se sabe com que resultados. O mais certo era os americanos

Discurso indireto
livre